

> A apoteose e a queda do narrador: questões da filosofia espinosana em *Jacques le fataliste et son maître*, de Denis Diderot

> The apotheosis and downfall of the narrator: Spinozan philosophy issues in *Jacques le fataliste et son maître* by Denis Diderot

Por Luca Barreiro Lopes de Almeida

Doutorando em Letras pela Université du Québec à Trois-Rivières (UQTR). E-mail: lucaunesp@gmail.com. Orcid: 0000-0001-7254-7847.

Resumo

No presente artigo, pretendemos investigar o narrador de *Jacques le fataliste et son maître* ([1796] 1962), de Diderot. Discutiremos sobre como essa entidade narrativa representa, ficcional e satiricamente, a figura do Deus de Espinosa. Para além do narrador, tentaremos argumentar que o romance é permeado pela filosofia espinosana, como no tempo e no espaço da narrativa. Entretanto, por mais que na primeira parte de *Jacques le fataliste* o narrador-autor figure um Ser onipotente e onisciente, a partir da segunda metade, ele desce do seu pedestal absoluto e se torna impotente.

Palavras-chave: Diderot. Narrador. Espinosa. Materialismo.

Abstract

In this paper, we intend to investigate the narrator of *Jacques le fataliste et son maître* ([1796] 1962), by Diderot. We will explore how this narrative entity represents, fictionally and satirically, the figure of Spinoza's God. Beyond the narrator, we will seek to highlight that the novel is permeated by Spinozan philosophy, such as in the narrative's time and space. However, although in the first part of *Jacques le fataliste* the narrator-author portrays an omnipotent and omniscient being, in the second half, they descend from their absolute pedestal and become powerless.

Keywords: Diderot. Narrator. Spinoza. Materialism.

> Artigo recebido em 30.07.2023 e aceito em 02.05.2024.

1 Introdução

O presente artigo propõe uma discussão filosófica e literária sobre o narrador de *Jacques le fataliste et son maître* à luz de alguns aspectos da filosofia de Baruch Espinosa. Considerando a natureza romanesca e satírica do *corpus*, compreenderemos como Diderot cria um debate sobre o materialismo e sobre as ideias do geômetra dentro do universo ficcional, cujo protagonista, Jacques, se reconhece como um adepto da filosofia espinosana.¹

Para tal discussão, em um primeiro momento, relacionamos a filosofia espinosana à produção intelectual e artística de Diderot. Em seguida, fizemos uma breve exposição de alguns aspectos do materialismo espinosano que são pertinentes à análise proposta, sobretudo aqueles que tangem à sua concepção de Deus. A partir desses debates, expomos como o narrador onipotente, dentro do universo romanesco, performa o Deus espinosano. Antes de concluirmos, buscamos evidenciar como essa potência absoluta é quebrada na segunda parte da narrativa.

Por se tratar de um romance filosófico, em que há uma relação estreita entre o pensamento e a ficção, *Jacques le fataliste* compreende diversos debates metafísicos, por mais que seu enredo, grosso modo, trate apenas de uma viagem sem destino. O protagonista, Jacques, se autodenomina um fatalista, argumentando que todas as decisões estão sujeitas a um fado, previamente estabelecido por um “grande rolo que contém a verdade, que não contém senão a verdade, e que contém toda a verdade”.^{2 3 4} De acordo com o personagem, as linhas desse escrito divino revelam tudo o que acontece na realidade.

Jacques le fataliste foi escrito intermitentemente entre 1771 e 1782. Os primeiros indícios do romance aparecem na *Correspondance littéraire*.⁵ Sua primeira edição foi oficialmente publicada em 1796, sendo uma obra póstuma de

¹ Por mais que o materialismo diderotiano tenha raízes espinosanas, Souza (2002, p. 15) argumenta que umas das maiores influências foi o materialismo antigo. O iluminista herda, principalmente de Lucrécio, a concepções relativas à heterogeneidade e homogeneidade da matéria, concebendo “a permanência do todo e o eterno movimento das partes, a passagem do inerte ao sensível, a geração espontânea, a circulação da matéria” (SOUZA, 2002, p. 48). O materialismo de Diderot também se assemelha ao dos estoicos. No entanto, o presente artigo visa focalizar certas confluências entre Diderot e Espinosa no romance.

² Denis Diderot, *Jacques le fataliste et son maître*, [1792] 2010, p. 504.

³ [Le] grand rouleau qui contient vérité, qui ne contient que vérité, et qui contient toute vérité.

⁴ Todas as traduções, oriundas da língua francesa, são de nossa responsabilidade.

⁵ Segundo Flávia Nascimento Falleiros (2015, p. 96), a *Correspondance littéraire* era um conjunto de obras, redigidas a pedido de Melchior Grimm, cujo público-alvo era composto por reis e príncipes europeus.

Diderot. O romance se organiza a partir de uma *narrativa primeira*, a viagem de Jacques e seu amo a um destino indeterminado, por entre a qual se organizam e irrompem dezenas de narrativas *metadieéticas*.^{6 7 8 9} Todos os níveis e instâncias narrativos são permeados pelo conteúdo filosóficos, de modo que os debates não se limitam apenas ao discurso.

Para a análise proposta, servirmo-nos das discussões sobre a comunicação entre a filosofia espinosana e a diderotiana propostas no artigo *Materialismo e espinosismo*: Diderot leitor de Espinosa, de Souza (1995) e do verbete *Espinosa* do volume *Metafísica* da *Enciclopédia* (2017). No que tange às questões da filosofia espinosana, recorreremos às obras: *Ética* ([1677] 1979) e *Tratado teológico-político* ([1670] 2014), ambas de Espinosa, e *Nervura do real* (1999), de Chauí. Para alicerçar as discussões literárias que propomos, realizamos uma leitura atenta dos texto *Jacques le fataliste*: dialogismo, antifinalismo, espinosismo e desejo moderno, de Barros (2017), a «*Je*» et *subversion du texte : le narrateur dans «Jacques le Fataliste»*, de Didier (1982), e a alguns conceitos abarcados por Genette (1972) em *Figures III*, a saber “*diegese*”, “*narrativa primeira*”, “*metadiegese*”, “*narrativa central tempo*” e “*espaço*”.

2 Espinosa e Diderot

Denis Diderot (1713-1784) é, certamente, um dos maiores expoentes do pensamento das Luzes. Para os seus debates filosóficos, o autor revisitou diversos outros pensadores dos séculos precedentes. Nas produções do Iluminista, podemos perceber a grande influência das ideias de Baruch Espinosa (1632-1677), importante filósofo do século XVII. Muitas das confluências e divergências entre os dois filósofos ocorrem no campo da discussão materialista.

A influência de Espinosa na filosofia diderotiana é investigada por Maria das Graças de Souza, que argumenta que Diderot herda do racionalista a ideia do monismo substancial, a partir da qual o iluminista estabelece dois conceitos

⁶ Genette (1972) define como *narrativa primeira* o nível temporal central do romance na qual uma anacronia se insere e “se define como tal” (GENETTE, 1962. p. 112-113).

⁷ Gérard Genette, *Figures III*, 1972, p. 112-113.

⁸ Genette (1972, p. 318) define como *metadieéticas* as narrativas de segundo grau que se inserem dentro da *diegese* da narrativa primeira. As *narrativas metadieéticas* são tão marcantes em *Jacques le fataliste* que Genette, inclusive, se refere ao romance para exemplificar o termo.

⁹ *Ibidem*, p. 318.

fundamentais: “o de cadeia dos seres e o de sensibilidade universal da matéria”¹⁰.

¹¹ O primeiro conceito entende uma gradação natural na produção dos seres, que se liga ao segundo, a ideia de uma força sensível própria da matéria.

Souza ainda declara que o marco da ligação de Diderot com a filosofia espinosana é o verbete “Espinosista” da *Encyclopédie*, no qual o francês descreve o “novo espinosismo”, perspectiva que se assemelha às suas próprias argumentações.¹² Como o verbete é curto, podemos citá-lo integralmente neste trabalho a fim de elucidarmos melhor nossas argumentações:

Adepto da filosofia de Espinosa. Há que não confundir os espinosistas antigos com os modernos. O princípio geral destes é que a matéria é sensível, o que eles demonstram através do desenvolvimento do ovo, corpo inerte, que pela intervenção de gradações de calor passa ao estado de ser que sente e vive, e que, como todo animal, que, de início, é simples ponto, cresce, e, por meio da assimilação dos nutrientes das plantas, ou de todas as substâncias que servem à nutrição, torna-se um grande corpo que sente e vive, e ocupa um espaço. Disso eles concluem que tudo é matéria, e que ela é suficiente para tudo explicar. Quanto ao resto, adotam todas as consequências do espinosismo antigo¹³.

Nesse verbete, há uma divisão entre as concepções antigas e contemporâneas da filosofia espinosana, como se o pensamento tivesse tomado um novo rumo a partir dos seus adeptos no Setecentos. Esse neo-espinosismo se alicerça, é claro, nas proposições do racionalista, mas discorda em alguns aspectos e sugere novos pontos. A notória mudança é no entendimento da sensibilidade, que seria responsável por garantir a contínua gradação da matéria. Portanto, para o próprio Diderot, essa é a eminente diferença entre o espinosismo e o neo-espinosismo.

Devemos notar que é justamente uma das mais significativas diferenças entre a ideia materialista de Espinosa e a de Diderot. O filósofo francês inicia sua obra *Principes philosophiques sur la matière et le mouvement* argumentando justamente que não deve se entender uma diferença entre o repouso e o movimento da matéria, como podemos ver na citação a seguir:

Eu não sei em qual sentido os filósofos supuseram que a matéria seria indiferente ao movimento e ao repouso. O que é certo é que todos os corpos gravitam uns sobre os outros, que todas as partículas dos corpos gravitam umas sobre as outras, que, nesse universo, tudo está em translação ou in nîsu, ou em translação e in nîsu, ao mesmo tempo.

¹⁰ *Ibidem*, p. 24.

¹¹ Maria das Graças de Souza, *Materialismo e espinosismo: Diderot leitor de Espinosa*, 1995.

¹² Denis Diderot, “Espinosista”, p. 213.

¹³ *Ibidem*, 213.

Essa suposição dos filósofos se assemelha, talvez, a dos geômetras, que admitem pontos sem nenhuma dimensão; linhas sem largura nem profundidade; superfícies sem espessura; ou talvez falem do repouso relativo de uma massa a outra. Tudo está em um repouso relativo num navio atingido pela tempestade. Nada ali está em repouso absoluto, nem mesmo as moléculas agregativas, nem do navio nem dos corpos que ele contém^{14 15 16}.

Diderot se refere aos geômetras para descrever o que para ele seria um erro outrora cometido também por Espinosa. Devemos notar ainda, a partir dessa citação, a semelhança entre aquilo que ele argumenta no *Principes philosophiques* e aquilo que ele qualifica como “novo espinosista” no verbete “Espinosa”. Para o autor em referência, o neo-espinosista é aquele que compreende a dinâmica e a sensibilidade da matéria. É justamente o argumento materialista que Diderot desenvolve em seu ensaio. Portanto, se unirmos esses dois pontos, podemos ver que o iluminista se adequa justamente ao que ele mesmo entende como “novo espinosista”. Para além de *Principes philosophiques*, Souza ainda reconhece uma correspondência perfeita entre os argumentos do verbete com os da obra o *Sonho de D’Alembert*.¹⁷

A influência de Espinosa não se limita apenas aos seus tratados e verbetes, mas se estende à produção literária, como *Jacques le fataliste et son maître*. Nessa obra, é possível identificar, de maneira explícita, diversas referências ao pensamento espinosano, apresentadas, principalmente, a partir das reflexões do herói da narrativa. Jacques anuncia, por meio do discurso direto, que suas ideias se alicerçam nas proposições de Espinosa:

Seja qual for a soma dos elementos dos quais eu sou composto, eu sou um; ora, uma causa tem apenas um efeito; eu sempre fui uma causa única; jamais tive senão um efeito a produzir, minha duração é, portanto, apenas uma sequência de eventos necessários. É assim que Jacques raciocinava de conformidade com o seu capitão. [...] Seu capitão lhe havia enchido a

¹⁴ Todas as traduções do presente texto, cujos originais são oriundos do francês, são de nossa responsabilidade.

¹⁵ Denis Diderot, *Principes philosophiques sur la matière et le mouvement*, [1792] 2010, p. 10, grifos nossos.

¹⁶ *Je ne sais en quel sens les philosophes ont supposé que la matière était indifférente au mouvement et au repos. Ce qu’il y a de bien certain, c’est que tous les corps gravitent les uns sur les autres ; c’est que toutes les particules des corps gravitent les uns sur les autres ; c’est que, dans cet univers, tout est en translation ou in situ, ou en translation et in situ à la fois. Cette supposition des philosophes ressemble peut-être à celle des géomètres, qui admettent des points sans aucune dimension ; des lignes, sans épaisseur ; ou peut-être parlent-ils du repos relatif d’une masse à une autre. Tout est dans un repos relatif d’une en un vaisseau battu par la tempête. Rien n’y est en un repos absolu, pas même les molécules agrégatives, ni du vaisseau, ni des corps qu’il renferme.*

¹⁷ Maria das Graças de Souza, *Op. Cit.*, 1995, p. 25.

cabeça com todas essas opiniões que ele, por sua vez, bebera em seu Spinoza, que ele sabia de cor^{18 19}.

Essa citação nos interessa porque comporta dois aspectos determinantes para o nosso debate: a) Jacques é assumidamente espinosano; b) Ele aceita as proposições materialistas de Espinosa. Podemos perceber que o personagem partilha da ideia de unidade da matéria, da qual ele faz inclusive parte (“eu sou composto, eu sou um”). O servo, como *modo* finito da *Natureza Naturada*, também admite de estar sujeito ao encadeamento da matéria (“minha duração não é senão uma sucessão de eventos necessários”), incluindo-se na interação dos fenômenos materiais que compõem o universo.^{20 21 22} A partir dessa citação, propomos que Jacques, adepto assumido do fatalismo, é também um espinosista.

Citton também propõe uma leitura dessa passagem. Para o estudioso, a influência do capitão sobre Jacques representa as maneiras mais imprudentes de se obter o conhecimento para Espinosa.²³ “[O] registro do ouvi dizer” – visto que Jacques não lê, mas escuta sobre o filósofo – é o modo mais impróprio de acessar o saber. Citton argumenta que o aspecto mecânico das inúmeras repetições de Jacques ainda demonstra a carência de reflexão diante de uma ideia, raciocínio igualmente criticado por Espinosa.²⁴ Desse modo, ao mesmo tempo que Jacques afirma ter sido influenciado pelo geômetra, a narrativa joga e manipula as suas ideias do intelectual. Diderot estabelece tanto um diálogo direto quanto indireto com o filósofo do Seiscentos.

Por isso, não devemos nos esquecer de que se trata de uma sátira, de modo que não podemos confiar nas afirmações dos personagens sem verificar outros indícios fornecidos pela narrativa. A leitura deve ser sempre atenta, pois deve considerar a articulação do filosófico com o cômico. Ao longo deste texto,

¹⁸ Denis Diderot, Op. Cit., [1796] 1962, p. 670-671.

¹⁹ *Quelle que soit la somme des éléments dont je suis composé, je suis un ; or, une cause n'a qu'un effet ; j'ai toujours été une cause une ; je n'ai donc jamais eu qu'un effet à produire ; ma durée n'est donc qu'une suite d'effets nécessaires. C'est ainsi que Jacques raisonnait d'après son capitaine. [...] Son capitaine lui avait fourré dans la tête toutes ces opinions qu'il avait puisées, lui, dans son Spinoza qu'il savait par cœur.*

²⁰ Charles Ramond define o termo modo como “uma coisa em outra coisa” na medida em que deve sua existência a outra coisa: ele não se produz, não é ‘causa em si’ (I 7 e dem), mas causado ou produzido ‘por outra coisa’. O modo, numa palavra, ‘é em outra coisa’ no sentido de que ele tem seu ser ou sua existência em outra coisa que não ele mesmo: sua existência é contingente, não pode ser deduzida de sua definição” (RAMOND, [2010] 2019, p. 56). De qualquer maneira, devemos entender pela própria definição de Espinosa: “Por modo entendo as afecções da substância, isto é, o que existe noutra coisa pela qual é também concebido” (ESPINOSA, 1979, p. 78). Em outras palavras, modo é uma coisa “particular” cuja existência faz parte e é concebida pela matéria única de Deus.

²¹ Baruch Espinosa, *Ética*, [1677] 1979.

²² Baruch Espinosa, Op. Cit., [1677] 1979.

²³ Yves Citton, *Jacques le fataliste : une ontologie spinoziste de l'écriture pluraliste*, 2008, p. 78.

²⁴ *Ibidem*, p. 78.

verificaremos como o debate materialista e espinosista permeia diversos âmbitos da narrativa, como o narrador, o discurso, o tempo, etc. Podemos adiantar que o narrador de *Jacques le fataliste* representa quase a ideia de um Deus para o universo da narrativa.

3 Pontos importantes da filosofia espinosana

Antes de partirmos para a discussão do romance, apresentaremos breves questões filosóficas que devemos ter em mente ao longo da nossa análise. Interessam-nos, sobretudo, as investigações materialistas de Espinosa, visto que, como vimos anteriormente, Diderot não só se participou desse debate, mas, também, pode ser considerado um neo-espinosista.²⁵ Entendemos Espinosa como um materialista porque a sua filosofia concebe a organização da realidade concreta a partir das relações entre a substância, de modo que, como argumenta Chauí: “há, assim, duas maneiras de ser e de existir: a da substância e seus atributos (existência em si e por si) e a dos efeitos da substância (existência em outro e por outro)”²⁶.

A ideia materialista de Baruch Espinosa é intrínseca a sua concepção de Deus, visto que ele estabelece uma união entre a divindade e a substância, considerando-as como matéria única do universo. Esse argumento é o pilar da sua teologia e da sua metafísica. Contrapondo a tradição cristã, o Ser superior, descrito principalmente na *Ética*, não é uma entidade sublime, fantástica e intocável, mas sim substancial e concreta.²⁷

Esse Deus também é indivisível e eterno, de modo que não existiu nada antes Dele; ou seja, Ele sempre existiu e existirá. Logo, se não existe nada que condicionou a sua existência, a divindade material também é causa eficiente de tudo, inclusive “causa de si mesm[o] [...] o que significa dizer que Deus é

²⁵ Existem divergências, no âmbito dos estudos filosóficos, sobre a concepção da ideia espinosana como “materialista”. Entretanto, preferimos aderir a essa classificação porque é a mais condizente com as argumentações que queremos desenvolver e com o universo ficcional de *Jacques le fataliste*. Uma definição interessante do materialismo é a feita por Diderot no verbete “Materialistas”, no sexto volume da Enciclopédia, que trata sobre a “Metafísica”: “chamava de materialistas aqueles que, imbuídos do preceito filosófico de que do nada, nada se faz, recorriam a uma matéria eterna, trabalhada por Deus, em vez de se ater ao sistema de criação, que só admite Deus como causa única da existência de todas as coisas” (D’ALEMBERT; DIDEROT, 2017, p. 419).

²⁶ Marilena Chauí, *Espinosa: uma filosofia da liberdade*, 2006, p. 47.

²⁷ Baruch Espinosa, *Op. Cit.*, [1677] 1979, p. 77.

autoprodutor”²⁸. Por conta desses atributos, Espinosa define esse Ser como *Natureza Naturante*.^{29 30} O Criador também é todos os acontecimentos da matéria e suas causas, já que ao mesmo tempo que se produz, também produz os seus modos, ou seja, a *Natureza Naturada*. A substância é causa de si da mesma maneira que é causa das coisas, assim, a autoprodução de Deus é o ato pelo qual ele produz a totalidade da natureza.

Portanto, os acontecimentos da realidade se manifestam pela interação entre os modos da matéria única que se relacionam e se afetam de acordo com a perfeição de Deus e não pela sua vontade.³¹ Essa ideia dá margem à interpretação determinista e fatalista da filosofia espinosana, na qual Deus (entendido como causa inicial e final) determina a realidade e o trajeto de vida de cada um dos indivíduos. É justamente como Jacques entende a ideia de Espinosa: para o personagem, a matéria se organiza a partir de uma relação mecânica inevitável, que toca no determinismo:

JACQUES Por minha fé, tudo é ainda assim mesmo. Há apenas uma mola a mais em jogo nas duas máquinas.

O AMO E essa mola aí...?

JACQUES Eu quero que o diabo me carregue se eu concebo que ela possa funcionar sem causa. Meu capitão dizia: <Ponde uma causa, segue-se um efeito; de uma causa fraca, um efeito fraco; de uma causa momentânea, um efeito momentâneo; de uma causa intermitente, um efeito intermitente; de uma causa frustrada, um efeito retardado; de uma causa cessante, um efeito nulo. >

O AMO Mas me parece que eu sinto dentro de mim mesmo que eu sou livre, como sinto que eu penso.

JACQUES Meu capitão dizia: <Sim, no presente não quereis nada, mas quereis vos precipitar de vosso cavalo?> ^{32 33}.

²⁸ Baruch Espinosa, *Ibidem*, [1677] 1979, p. 17-18.

²⁹ Marilena Chauí (2006) define a *Natureza Naturante* como a “substância e seus atributos, enquanto atividade infinita que produz a totalidade do real [...] A totalidade dos modos produzidos pelos atributos, designa com o nome de *Natureza Naturada*. Graças à causalidade imanente, a totalidade constituída pela *Natureza Naturante* e pela *Natureza Naturada* é a unidade eterna e infinita cujo nome é Deus” (CHAUI, 2006, p. 117).

³⁰ Baruch Espinosa, *Ibidem*, [1677] 1979, p. 17-18.

³¹ Concordamos com a definição de Ramond de “afeto”, que recupera a influência cartesiana em Espinosa: “Os ‘afetos’ são, de fato, primeiramente ‘paixões’” (RAMOND, [2010] 2019, p. 18). O termo fica ainda mais claro quando ele destaca a dissemelhança entre os dois filósofos: “No entanto, à diferença de Descartes, Espinosa se exprime geralmente em termos de ‘afetos’ e não de ‘paixões’: de fato, como, a seu ver, nem todos os ‘afetos’ são ‘passivos’, nem todos merecem a qualificação de paixões [...] Espinosa ‘entende por “afeto” <affectus> as “afecções” <affetiones>. Do corpo mediante as quais a potência de agir desse corpo é aumentada ou diminuída, auxiliada ou reduzida e, ao mesmo tempo, as ideias dessas “afecções” (RAMOND, [2010] 2019, p. 18).

³² Denis Diderot, *Op. Cit.*, [1796] 1962, p. 757-758.

³³ JACQUES *Ma foi, c’est encore tout de même. Il n’y a dans les deux machines qu’un ressort de plus en jeu. LE MAÎTRE Et ce ressort-là... ? JACQUES Je veux que le diable m’emporte si je conçois qu’il puisse jouer sans cause. Mon capitaine disait : « Posez une cause, un effet s’ensuit ;*

Jacques, nessa citação, argumenta, dirigindo-se ao seu amo, que não há liberdade de escolha e que, na verdade, o seu destino é delimitado pela organização da matéria estabelecida por Deus. Entretanto, um fator essencial da filosofia espinosana é que Deus não é um ser inanimado que controla os homens como marionetes de acordo com o seu senso de justiça e de bondade, Ele é, simplesmente, tudo. Assim, os acontecimentos da realidade material não ocorrem pela sua escolha, mas, sim, pela perfeição da sua natureza.

O fatalismo, do qual Jacques diz ser adepto, também coloca o destino do homem como irrevogável, a ponto de a necessidade divina se sobrepor à potência de Deus, como se os indivíduos estivessem sujeitos ao “grande rolo” e não àquele que é seu “escritor”.³⁴ Chauí define precisamente a interpretação fatalista de Espinosa como a “confusão entre agir e operar”, isto é, o entendimento errôneo de que os acontecimentos da perfeição de Deus estão relegados a um *fatum* que a autora entende assemelhar-se a uma “sequência cega de fatos, em lugar de concebê-la como nexos causal absolutamente intangível porque segue necessariamente a ação de Deus”^{35 36}. O fatalismo é absurdo para a filosofia espinosana porque relega a potência divina absoluta a uma necessidade de verdades eternas, Chauí continua:

Tal hipótese é absurda porque supõe que a inteligência divina orienta a vontade de Deus ao agir, fugindo da necessidade bruta pelo recurso a verdades independentes do próprio intelecto de Deus e sem as quais não haveria ordem natural, isto é, uma Natureza inteligível. O fatalismo é, pois, suposição de que onipotência divina deve ser limitada pela preexistência de verdades eternas independentes de Deus e que operariam como finas para Sua ação, constringendo-O a agir sub raione boni (sob regra do bem)³⁷.

Espinosa foi acusado de fatalismo por muitos dos seus leitores, inimigos e críticos. Chauí chega ainda a citar alguns debates epistolares entre o filósofo racionalista e alguns dos seus correspondentes que buscavam esclarecimentos sobre o seu pensamento, tão singular para o período. Muitos desses subscritores apontavam que a ideia de que existe uma ordem nos acontecimentos perfeitos do Criador constrange a liberdade divina e humana, ao mesmo tempo que ignora a

d'une cause faible, un faible effet ; d'une cause momentanée, un effet d'un moment ; d'une cause intermittente, un effet intermittent ; d'une cause contrariée, un effet ralenti ; d'une cause cessante, un effet nul. » LE MAÎTRE Mais il me semble que je sens au dedans de moi-même que je suis libre, comme je sens que je pense. JACQUES Mon capitaine disait : « Oui, à présent que vous ne voulez rien ; mais veuillez-vous précipiter de votre cheval ? ».

³⁴ *Grand rouleau*.

³⁵ Marilena Chauí, *Nervura do real: imanência e liberdade em Espinosa*, 1999, p. 132.

³⁶ *Ibidem*, p. 132.

³⁷ *Ibidem*, p. 133.

ideia de virtude. Entretanto, Deus é o Ser, para a interpretação espinosana, totalmente livre e potente que não pode ser coagido nem constrangido por nada. Espinosa é, então, acusado de fatalismo, mas são esses acusadores que argumentam erroneamente sobre a “necessidade bruta” e não compreendem a noção de “liberdade eficiente primeira”, já que a liberdade divina não é limitada nem pelas verdades eternas. Caso fosse, Deus não seria perfeito.³⁸

A filosofia que Jacques, personagem filosófico, se assemelha justamente à leitura que muitos dos críticos e inimigos de Espinosa fizeram, sobretudo, sobre as proposições do racionalista sobre a perfeição divina. Isso acontece porque, em Jacques, há uma sátira da ideia de que a realidade material se organiza pela perfeição. Diderot, vendo essa questão frágil da filosofia espinosana, explora essa brecha que permite, erroneamente, o entendimento de que a realidade é estabelecida pela vontade divina e não pela sua perfeição. Portanto, no romance, há uma revisitação das ideias de Espinosa, cujos conceitos fundamentais são satirizados.

Sintetizando os argumentos que desenvolvemos ao longo dessa seção, podemos entender, então, o materialismo de Espinosa como uma relação dos modos da matéria concreta que é única, infinita, eterna e causa de tudo (inclusive de si mesma), que é Deus. É exatamente esse papel que o narrador de *Jacques le fataliste* ocupa na narrativa. Concordamos com Didier que afirma que o narrador assume a organização da narrativa como um Todo-poderoso, um Demiurgo.³⁹ Veremos a seguir que essa entidade narrativa ocupa um papel semelhante a esse Deus substância única, infinita, eterna, causa de tudo e autoprodutora. Isto é, esse narrador aparenta ser, e se afirma como tal, uma entidade absoluta dentro da narrativa, podendo manipular como lhe aprouver todo o seu universo, sendo tão potente quanto o Deus de Espinosa, mesmo que, no fim, ele seja uma representação satírica desse Deus.

4 O narrador materialista

É curioso como podemos perceber certas manifestações das ideias materialistas em *Jacques le fataliste* não apenas pelas argumentações filosóficas do herói, mas, também, por meio de outras instâncias da narrativa. Jacques alega

³⁸ *Ibidem*, p. 132.

³⁹ Beatrice Didier, «Je» et la subversion du texte, 1978.

que seu destino fora escrito previamente em um “grande rolo”, que seria o escrito em que alguma espécie de Deus descreveu tudo o que acontece no mundo.⁴⁰

Trata-se de uma leitura excêntrica das proposições espinosanas feita a partir das lentes do fatalismo, que entende, extrapolando do argumento da *perfeição divina*, que o mundo é minuciosamente determinado por um Ser superior. No nível da forma, essa ideia é representada pelo narrador que controla o universo ficcional como um Deus despótico.⁴¹

O narrador é onisciente. Mesmo que, segundo Jacques, todos os acontecimentos determinados do universo possam ser compreendidos apenas pelo escritor do “grande rolo”, esse narrador sabe de tudo, podendo, também, acessar as emoções e pensamentos de todos os personagens.⁴² Além disso, ele afirma controlar tudo o que acontece no universo ficcional, argumentando que os eventos da narrativa estão sob seu controle e que cabe ao seu julgamento determinar o rumo da *diegese*. Como o Deus espinosano, o narrador é causa de toda a narrativa. Ele é o criador da narrativa, como podemos ver a seguir:

Vedes, leitor, que estou em um belo caminho, e que só dependeria de mim fazer-vos esperar um ano, dois anos, três anos pelos relatos dos amores de Jacques, separando-o de seu amo e fazendo-os correr, cada um deles, todos os azares que me aproovessem. O que me impediria de casar o amo e de fazê-lo corno? De embarcar Jacques para as ilhas? De conduzir para lá o seu amo? De reconduzir os dois para a França no mesmo navio? Como é fácil fazer contos! Mas um e outro terão apenas o inconveniente de uma noite mal dormida, e vós, dessa demora ⁴³ ⁴⁴.

Como podemos ver nessa citação, o narrador determina e é causa de todos os elementos do universo ficcional, podendo manipular o espaço, o tempo, os personagens e a si mesmo. Assim, ele constrói uma relação entre si e o seu mundo ficcional, semelhante ao Deus de Espinosa que se produz ao mesmo tempo em que produz o seu mundo material ou a do Ser escritor do “grande rolo” da filosofia de Jacques. Essa entidade narrativa tenta se projetar no texto como responsável por criar o mundo ficcional como um autor.

⁴⁰ *Grand rouleau*.

⁴¹ Baruch Espinosa, *Op. Cit.*, [1677] 1979.

⁴² *Grand rouleau*.

⁴³ Denis Diderot, *Op. Cit.*, [1796] 1962, p. 495.

⁴⁴ *Vous voyez, lecteur, que je suis en beau chemin, et qu'il ne tiendrait qu'à moi de vous faire attendre un an, deux ans, trois ans, le récit des amours de Jacques, en le séparant de son maître et en leur faisant courir à chacun tous les hasards qu'il me plairait. Qu'est-ce qui m'empêcherait de marier le maître et de le faire cocu ? d'embarquer Jacques pour les îles ? d'y conduire son maître ? de les ramener tous les deux en France sur le même vaisseau ? Qu'il est facile de faire des contes ! Mais ils en seront quittes l'un et l'autre pour une mauvaise nuit, et vous pour ce délai.*

Ludicamente, o enunciador tenta provocar a impressão de que ele controla a narrativa na passagem em que afirma poder fazer o cavalo perder as rédeas, caminhar para um outro destino e, conseqüentemente, interromper as histórias dos amores de Jacques:

Vedes, leitor, como eu sou obsequioso; só de mim dependeria dar uma chicotada nos cavalos que puxam a carruagem coberta de pano negro, de renuir, à porta da próxima pousada, Jacques e seu amo [...] [e] interromper a história do capitão de Jacques^{45 46}.

Momentos depois, Jacques sente que o cavalo age estranhamente e que, com isso, terá dificuldades em continuar a contar suas aventuras ao seu amo:

[M]eu capitão, que era rico, exigira que seu camarada aceitasse uma letra de câmbio de vinte quatro mil libras, que lhe assegurasse do que viver no estrangeiro, caso ele fosse morto, e tudo isso protestando que ele bateria de modo algum sem essa condição prévia; o outro respondendo a essa oferta: 'Acreditas, meu amigo, que se eu te matar, poderei sobreviver-te?...' Eu espero, senhor, que vós não me condenais a terminar nossa viagem sob esse bizarro animal^{47 48}.

Jacques quer contar ao seu amo suas aventuras amorosas, mas é interrompido pelos próprios elementos do universo ficcional, no caso, o cavalo. Isto é, o criador da *diegese*, ao qual todas as instâncias da narrativa estão sujeitas, interfere no discurso de Jacques, manipulando o cavalo desgovernado. É justamente a ideia que o herói tem de Deus: um Ser que interfere, determina e delimita todas as situações em um "grande rolo escrito lá em cima"⁴⁹. Além disso, podemos entender, a partir do que argumentamos até agora, que esse Ser que organiza toda a realidade, de acordo com a perspectiva filosófica de Jacques, é o exagero do Deus material de Espinosa. O romance leva ao absurdo a característica da onipotência divina a ponto de um Ser que age apenas pela perfeição da sua natureza, representado pelo narrador, tornar-se um sujeito que manipula toda a realidade como um tirano.

Win de Vos discute alguns aspectos da figura metafórica do cavalo na narrativa. Para o autor, as circunstâncias, externas à viagem de Jacques, da interrupção do cavalo não explicam as constantes interrupções que o cavalo faz

⁴⁵ Denis Diderot, *Op. Cit.*, [1796] 1962, p. 552.

⁴⁶ *Vous voyez, lecteur, combien je suis obligeant ; il ne tiendrait qu'à moi de donner un coup de fouet aux chevaux qui traînent le carrosse drapé de noir, d'assembler, à la porte du gîte prochain, Jacques, son maître [...] [et] d'interrompre l'histoire du capitaine de Jacques.*

⁴⁷ Denis Diderot, *Op. Cit.*, [1796] 1962, p. 552.

⁴⁸ *[M]on capitaine, qui était riche, avait exigé de son camarade qu'il acceptât une lettre de change de vingt-quatre mille livres, qui lui assurât de quoi vivre chez l'étranger, au cas qu'il fût tué, celui-ci protestant qu'il ne se battrait point sans ce préalable ; l'autre répondant à cette offre : « Est-ce que tu crois, mon ami, que si je te tue, je te survivrai ?... » J'espère, monsieur, que vous ne me condamnerez pas à finir notre voyage sur ce bizarre animal...*

⁴⁹ Denis Diderot, *Op. Cit.*, [1796] 1962, p. 503.

na sua história. De qualquer modo, essas interrupções causam o descontentamento do protagonista, que desiste de contar a suas aventuras.⁵⁰ A hipótese que propomos para solucionar a questão é que o cavalo é um elemento ficcional manipulado pelo narrador para atrapalhar Jacques em suas narrativas.

Por conta desse controle que o narrador tem sobre a *diegese*, André Barros o qualifica como um “supernarrador” que “manipula a seu bel-prazer a narração e aquele original do pergaminho que está nos céus com os desígnios do que acontece aqui na Terra (ou seja, um análogo de Deus)”⁵¹. Entretanto, veremos, na próxima seção do nosso artigo, que essa entidade narrativa deixa de ser uma figura ficcionalmente onipotente e perde todas essas qualidades citadas por Barros de um Deus para se tornar um ser ignorante.

Logo, o narrador é um mecanismo formal que contribui para as discussões retomadas pelo próprio personagem. Essa organização formal da narrativa dialoga com o conteúdo, que Deus concebe todo o universo substancial. Além de ser onipotente e, intruso, o narrador também condiz com a ideia de Jacques de um Ser ao qual todos os acontecimentos da realidade estão sujeitos.

5 A queda do narrador materialista

Para Yves Citton, *Jacques le fataliste* é o texto que mais bem representa os debates sobre liberdade espinosana, melhor inclusive do que a própria *Ética*.⁵² Para o estudioso, o romance visa, antes, discutir as ideias do racionalista do que entreter o seu leitor. Ao longo desta sessão, tentaremos rebater essas duas ideias, argumentando que Diderot, ao invés de defender espinosa, brinca e zomba das suas ideias. Em seguida, argumentaremos que é apenas a partir desse jogo ilusório e risível que podemos realizar um trabalho reflexivo.

Como dissemos anteriormente, o narrador figura a ideia do Deus material da filosofia espinosana que seria perfeito e causa eficiente. Ele é quase como um “criador” do universo ficcional, ao qual o tempo e o espaço da narrativa parecem estar à mercê. O locutor ainda tem liberdade de quebrar a barreira entre a ficção

⁵⁰ Win de Vos, *Le Cheval comme métaphore de la narration dans Jacques le fataliste*, 1993, p. 44.

⁵¹ André Luis Barros, *Jacques le fataliste: dialogismo, antifinalismo, espinosismo e desejo moderno*, 2015, p. 137.

⁵² Yves Citton, *Op. Cit.*, 2008, p. 77.

e o leitor quando se dirige diretamente a ele: “Vedes, leitor, [...] só de mim dependeria [...] interromper a história do capitão de Jacques” ^{53 54}.

No final do romance, no entanto, tudo isso muda. Nas últimas passagens, o narrador, onipotente, se converte em um ser totalmente impotente dentro do universo ficcional. Ele, inclusive, anuncia que não pode continuar e se detém nas suas narrativas:

E eu, eu me detenho, porque eu vos disse tudo o que eu sei desses dois personagens. – E os amores de Jacques? Jacques disse cem vezes que estaria escrito lá em cima que ele não finalizaria a história, e eu vejo que Jacques havia razão^{55 56}.

Portanto, o conhecimento do narrador, que se autoproclamara como o responsável por controlar a narrativa, chega ao “limite”. A entidade narrativa que identificamos como a representação do Deus espinosano dentro do universo ficcional deixa de ter as suas características de onipotência, eternidade e perfeição. Para Espinosa, Deus é Intellecto e razão⁵⁷, entretanto, nessa cena, vemos que o conhecimento do criador da *diegese*, que simboliza a figura dessa deidade, chega a um determinado limite. Assim, o narrador recusa tanto o seu papel de organizador do mundo quanto do romance em si. Trata-se, então, de uma atitude narrativa e metanarrativa.

Didier argumenta que, em algumas passagens da narrativa, o locutor deixa de lado a sua supremacia diante da narrativa e demonstra a sua ignorância. ⁵⁸ Didier, inicialmente, compara o narrador a um ser todo-poderoso demiúrgico; no entanto, a estudiosa argumenta que, quanto mais a narrativa caminha para o seu fim, ele perde traços da sua onisciência e se torna um ser totalmente ignorante, perdendo o controle do que acontece dentro da narrativa. Isso acontece na passagem que citamos. Didier ainda debate que o narrador, e não só Jacques, é atingido pela fatalidade que age sobre o seu mundo, mesmo depois de ele ter argumentado (e ter feito o leitor acreditar) que pode fazer guiar o romance como desejar.

⁵³ Denis Diderot, *Op. Cit.*, [1796] 1962, p. 552.

⁵⁴ *Vous voyez, lecteur [...] il ne tiendrait qu'à moi de d'interrompre l'histoire du capitaine de Jacques.*

⁵⁵ Denis Diderot, *Op. Cit.*, [1796] 1962, p. 777.

⁵⁶ *Et moi, je m'arrête, parce que je vous ai dit de ces deux personnages tout ce que j'en sais. – Et les amours de Jacques ? Jacques a dit cent fois qu'il était écrit là-haut qu'il n'en finirait pas l'histoire, et je vois que Jacques avait raison.*

⁵⁷ Baruch Spinoza, *Tratado teológico-político*, [1670] 2014.

⁵⁸ Beatrice Didier, *Op. Cit.*, 1978, p. 97.

Barrostambém analisa a conclusão do romance por uma interpretação semelhante.⁵⁹ Barros considera que o fim da narrativa mostra as limitações da onipotência e da onisciência desse narrador, que dizia poder manipular todo o universo ficcional.⁶⁰

Seguindo com a narrativa, o seu criador, depois de anunciar que o seu conhecimento sobre a história se esgotou, deixa ao cargo do leitor finalizar a narrativa, abandonando por completo o seu ponto:

Vejo, leitor, que isso vos desagrada; pois bem, retomai seu relato onde ele o interrompeu e continuai a história à vossa fantasia, ou então fazei uma visita à Srta. Agathe, indagai nome da aldeia onde Jacques está aprisionado; procurai Jacques, interrogai-o: ele não irá se fazer de rogado para vos satisfazer, isso o desenfadará. [...] eu poderia talvez suprir o que faltava aqui, mas para quê? [...] Entretanto, como haveria temeridade em pronunciar-se sem um exame maduro das conversas de Jacques o Fatalista, e seu amo, obra das mais importantes que apareceu desde Pantagruel do mestre François Rabelais e da vida e das aventuras do Compère Mathieu, relerei essas memórias com toda contenção de espírito e toda a imparcialidade de que sou capaz, e em oito dias vos darei a respeito o meu julgamento definitivo, sob a ressalva de poder me retratar se alguém mais inteligente do que eu me demonstrar que estou enganado^{61 62}.

Além de deixar a história a cargo dos leitores, o narrador interrompe o fluxo narrativo, quebrando a expectativa daqueles que esperavam um desfecho da obra. Esse fim surpreende o leitor que queria saber qual era o destino fatal ao qual Jacques dizia estar preso; ao invés de um destino delimitado, o narrador sugere três possíveis finais:

Editor acrescenta: Passaram-se os oito dias. Li as memórias em questão. Dos três parágrafos que encontro nelas a mais do que no manuscrito de que sou possuidor, o primeiro e o último parecem originais, e o do meio evidentemente interpolando. Eis o primeiro que suponho ser uma segunda lacuna na conversa de Jacques e seu amo^{63 64}.

⁵⁹ André Luis Barros, *Op. Cit.*, 2017, p. 17.

⁶⁰ André Luis Barros, *Ibidem*, 2017, p. 17.

⁶¹ Denis Diderot, *Op. Cit.*, [1796] 1962, p. 777.

⁶² *Je vois, lecteur, que cela vous fâche ; eh bien, reprenez son récit où il l'a laissé, et continuez-le à votre fantaisie, ou bien faites une visite à Mlle Agathe, sachez le nom du village où Jacques est emprisonné ; voyez Jacques, questionnez-le : il ne se fera pas tirer l'oreille pour vous satisfaire ; cela le désennuiera. [...] je pourrais peut-être suppléer ce qui manque ici ; mais quoi bon ?[...] Cependant comme il y aurait de la témérité à prononcer sans un mûr examen sur les entretiens de Jacques le Fataliste et de son maître, [...], je relirai ces mémoires avec toute la contention d'esprit et toute l'impartialité dont je suis capable ; et sous huitaine je vous en dirai mon jugement définitif, sauf à me rétracter lorsqu'un plus intelligent que moi me démontrera que je me suis trompé. L'éditeur ajoute : La huitaine est passée. J'ai lu les mémoires en question ; des trois paragraphes que j'y trouve de plus que dans le manuscrit dont je suis le possesseur, le premier et le dernier me paraissent originaux, et celui du milieu évidemment interpolé. Voici le premier, qui suppose une seconde lacune dans l'entretien de Jacques et son maître.*

⁶³ Denis Diderot, *Op. Cit.*, [1796] 1962, p. 777.

⁶⁴ *L'éditeur ajoute : La huitaine est passée. J'ai lu les mémoires en question ; des trois paragraphes que j'y trouve de plus que dans le manuscrit dont je suis le possesseur, le premier et le dernier me paraissent originaux, et celui du milieu évidemment interpolé. Voici le premier, qui suppose une seconde lacune dans l'entretien de Jacques et son maître.*

O narrador que admitia explicitamente o seu papel como uma entidade que organizava o espaço, o tempo e os diálogos dentro do romance — que deixava claro o ato de narrar — passa a falar a partir de um “editor”. O mesmo locutor que se aproximava completamente do seu narratário com o “Vedes, leitor”, agora, impõe uma distância entre si e o leitor.

O narrador, na conclusão da narrativa, desce do seu pedestal intocável, da sua posição de olhar a narrativa de cima, como se encarasse o universo ficcional do Olimpo. Se contrastarmos com as passagens que apresentamos no tópico anterior, esse narrador, que figurara o Deus de Espinosa, perde toda a sua potência ao argumentar que não pode dar continuidade à narrativa.

Por que, no entanto, Diderot satiriza esse ponto frágil da filosofia espinosana? Podemos sugerir que, a partir da sátira, Diderot visa trazer à baila a discussão do materialismo espinosano, apresentando aos seus leitores algumas questões metafísicas que podem ser revisitadas. O filósofo expõe um ponto frágil da filosofia espinosana para o exagero absoluto para escancarar suas falhas por meio do riso. E por que Diderot retoma essa discussão sobre Deus de Espinosa? Porque ele é um filósofo fundamental no que cerne o materialismo, discussão pela qual Diderot se interessa.

Na introdução da tradução de *Jacques le fataliste*, publicada pela editora *Perspectiva*, Roberto Romano propõe que a interpretação de que Diderot tenta mostrar “o absurdo da crença de quem ignora o Acaso e as leis do universo” a partir de um fatalismo que exagera a noção de finalidade.^{65 66} De qualquer maneira, o fatalismo de Jacques, de origem espinosana, é uma válvula de escape que o personagem recorre para compreender o seu mundo desprovido de um sentido. Assim como no mundo ficcional de Jacques, no real também há eventos caóticos que parecem não ter explicação aparente.

6 Conclusão

O romance filosófico *Jacques le fataliste et son maître* consegue transpor para o meio ficcional questões investigadas por Espinosa na *Ética* e no *Tratado teológico-político*. Isso acontece não apenas no âmbito do conteúdo das discussões filosóficas entre o servo e o amo, mas, também, no nível da forma do

⁶⁵ Roberto Romano, “Introdução”, 2006.

⁶⁶ Roberto Romano, *Ibidem*, 2006, p. 63.

texto. Assim, o universo ficcional de *Jacques le fataliste* se dispõe em sua totalidade para abarcar e representar aspectos pontuais da filosofia espinosana.

Um exemplo de mecanismo literário que contribui para as discussões espinosanas é aquele que denominamos como narrador-autor. A peculiaridade dessa entidade narrativa é que ela representa, dentro do universo de *Jacques le fataliste*, a figura do Deus espinosano. Esse narrador, ao longo de quase toda a história, aparenta ser uma entidade unânime dentro da narrativa e, inclusive, afirma poder manipular tudo o que acontece na história segundo o que lhe aprouver. Entretanto, durante o romance, o narrador não tem um desempenho contínuo durante toda a narrativa, mas, sim passa por altos e baixos. Ele sobe em um pedestal quase intocável, controlando de lá de cima tudo o que acontece na realidade de Jacques. Entretanto, o narrador-autor passa por um declínio no fim da narrativa, descendo do seu posto e perdendo sua potência. Na conclusão, ele “abandona” a contação e a deixa à mercê de um “editor” ficcional.

Assim, Diderot, depois de construir uma figura semelhante ao Deus de Espinosa, quebra a soberania desse mesmo ser. Esse rebaixamento, ou melhor, sátira dessa entidade narrativa deificada pode ser explicada se retornarmos para a própria filosofia diderotiana. O materialismo do iluminista, contrário às ideias do racionalista, rejeita a ideia de um Deus organizador do universo material.

Referências

BARROS, André Luiz. Como narrar o banal? – Jacques le fataliste sem destino e sem juízo final. *Discurso*, [S.L.], v. 45, n. 1, p. 133-152, 19 ago. 2015.

Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/102544>.

Acesso em: 17 abr. 2024.

BARROS, André Luiz. *Jacques le fataliste*: dialogismo, antifinalismo, espinosismo e desejo moderno. *Lettres françaises*, Araraquara, n. 18, p. 15–34, 2017. Disponível em:

<https://periodicos.fclar.unesp.br/lettres/article/view/10648/6890>. Acesso em: 17 abr. 2024.

CITTON, Yves. Jacques le fataliste : une ontologie spinoziste de l'écriture pluraliste. *Archives de Philosophie*, [S.L.], v. 71, n. 1, p. 77-93, 1 mar. 2008.

Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-archives-de-philosophie-2008-1-page-77.htm>. Acesso em: 2 maio 2024.

CHAUÍ, Marilena. *Espinosa: uma filosofia da liberdade*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

CHAUÍ, Marilena. *Nervura do real*: imanência e liberdade em Espinosa. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

DE VOS, Win. Le cheval comme métaphore de la narration dans Jacques le fataliste. *Diderot studies*, v. 25, p. 41-48, 1993. Disponível em:

<https://www.jstor.org/stable/40372717>. Acesso em: 17 abr. 2024.

DIDEROT. Espinosista. In: D'ALEMBERT; DIDEROT. *Encyclopédia ou dictionnaire raciocinado das ciências, das artes e dos ofícios*: metafísica. Trad. Pedro Paulo Pimenta, Maria das Graças de Souza, Thomas Kawauche. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

DIDEROT, Denis. *Jacques le fataliste et son maître*. Œuvres romanesques. Paris: Garnier, 1962.

DIDEROT, Denis. *Principes philosophiques sur la matière et le mouvement*. Œuvres philosophiques. Paris: Editions Garnier Frères, 1967.

DIDIER, Béatrice. «Je» et subversion du texte : le narrateur dans «Jacques le Fataliste». *Littérature*, p. 92-105, 1982. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/23799951>. Acesso em: 17 abr. 2024.

ESPINOSA, Bento. Pensamentos metafísicos. Trad. Marilena Chauí. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

GENETTE, Gérard. *Figures III*. Paris: Seuil, 1972.

NASCIMENTO FALLEIROS, Flávia. Sobre a crítica literária dos Salões. In: FREITAS, Verlaïne et al (org.). *Gosto, interpretação & crítica*. 2. ed. Belo Horizonte: Abre, 2015. Cap. 7. p. 94- 109.

RAMOND, Charles. *Vocabulário de Espinosa*. Tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ROMANO, Roberto. Introdução. In: DIDEROT, D. *Jacques, o fatalista, e seu amo*. Obras IV. Trad. Jacó Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2006. p. 15-87.

SOUZA, Maria das Graças. Materialismo e espinosismo - Diderot leitor de Espinosa. *Kriterion*, v 91, n. 1, p. 24 - 36, 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/kriterion/arquivonline>. Acesso em: 17 abr. 2024.

SOUZA, Maria das Graças. *Natureza e ilustração: sobre o materialismo de Diderot*. São Paulo: UNESP, 2002.

SPINOZA, Baruch. *Obras completas III: Tratado teológico-político*. Trad. Jacó Guinsburg e Newton Cunha. São Paulo: Perspectiva, 2014.